



## **“O que eu entendo por agroecologia não olhei num dicionário”: percepções de agricultoras camponesas no sudoeste do Paraná sobre a agroecologia**

**"What I Understand By Agroecology I Have Not Looked At In A Dictionary":  
Perceptions Of Peasant Farmers In Southwestern Paraná About Agroecology**

KEMPF, Renata Borges<sup>1</sup>; WALLAU, Angelica Servegnini de<sup>2</sup>; WEDIG, Josiane Carine<sup>3</sup>; SILVA COSTA, Brendo Henrique da<sup>4</sup>; SIMONETTI, André Luiz<sup>5</sup>; DEMETRIO, Milena<sup>6</sup>

<sup>1</sup> PPGADR/UFGS, renatakempf@gmail.com; <sup>2</sup> PPGDR/UTFPR, angelicawallau@gmail.com;  
<sup>3</sup> PPGDR/UTFPR, josianewedig@utfpr.edu.br; <sup>4</sup> PPGER/UFV, brendohenrique08@gmail.com;  
<sup>5</sup> PPGDR/UTFPR, simonettial97@gmail.com; <sup>6</sup> PPGDR/UTFPR, mdemetrio@alunos.utfpr.edu.br

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção da Agroecologia**

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo analisar as percepções de agricultoras camponesas no Sudoeste Paranaense, região Sul do Brasil, sobre a agroecologia em suas vivências. Para isso, este é um recorte de parte de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio do método de história de vida tópica, e desenvolvida através de observação participante e entrevistas semiestruturadas. As interlocutoras foram sete agricultoras camponesas, intensamente envolvidas com a agroecologia e inseridas nos espaços de produção, socialização e comercialização, em um circuito de quatro feiras livres. Destaca-se que as mulheres são as grandes entusiastas e as que em suas famílias iniciam o trabalho com a agroecologia, sendo esta compreendida por elas para além dos preceitos técnicos da produção agrícola, mas como espaço de diálogo, construção e partilha de saberes e práticas nos campos social, ambiental, político e econômico da própria vida.

**Palavras-chave:** mulheres agricultoras camponesas. agroecologia. natureza. alimentação. saúde.

#### **Introdução**

Esse estudo analisa, a partir da percepção e compreensão das interlocutoras, como a agroecologia é vivenciada pelas mulheres agricultoras camponesas<sup>1</sup> e contribui na transformação das relações de poder no espaço rural. A pesquisa utilizou a abordagem da história de vida tópica para identificar de que maneira os saberes e práticas agroecológicas estão inseridas na vida dessas mulheres, e quais os reflexos em suas relações com a natureza, a alimentação e a saúde.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, filiando-me à Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2004), ao entender que a agricultura familiar constrói sua história também permeada por lutas e resistências, e as vivências ultrapassam os limites das classificações teóricas, opto pela utilização dos termos “agricultora” e “camponesa” com equivalente sentido.



A perspectiva agroecológica, enquanto resgate da herança agrícola (HECHT, 2002), é movimento, prática e ciência (WEZEL et al., 2009) constituída por um conjunto de conhecimentos de agriculturas que visa reestabelecer o vínculo natureza-sociedade, rompido pelo sistema de saber e de poder moderno que coloca os seres humanos ao centro e a natureza como recurso a ser convertido em capital.

A partir da construção de relações mais simétricas, a agroecologia vislumbra romper com o modelo patriarcal de sociedade e da agricultura industrial, visibilizando e valorizando o trabalho realizado pelas mulheres agricultoras camponesas. Grande parte da produção de alimentos, no mundo, é realizada por mulheres que, através de seus saberes e conhecimentos dos sistemas alimentares, desempenham papel fundamental na sua sustentabilidade. Além disso, são as mulheres as responsáveis por grande parte da força de trabalho dos sistemas locais, contribuindo para a economia e, também, para a segurança alimentar local (CARDOSO; RODRIGUES, 2009).

Dessa maneira, considerando as intrínsecas relações existentes entre as mulheres e a agroecologia, este estudo, tem por objetivo analisar as percepções de agricultoras camponesas no Sudoeste Paranaense, região Sul do Brasil, sobre a agroecologia em suas vivências.

## **Metodologia**

Este trabalho é parte de um estudo realizado por meio de pesquisa qualitativa e sistematizado pelo método da história de vida tópica, onde, com o objetivo de analisar a trajetória de participação das mulheres agricultoras camponesas na construção da agroecologia no Sudoeste do Paraná, foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados e perguntas abertas, além de observação participante.

O contato das (os) pesquisadoras (os) com as interlocutoras se deu através da inserção destas nos espaços de vivência e comercialização de feiras no Sudoeste do Paraná: a Feira de Produtos Orgânicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (FEPOULT – UTFPR), *campus* Pato Branco, a Feira Livre da Agricultura Familiar no município de Marmeleiro, a Feira Livre de Agrotóxicos da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Francisco Beltrão, e a Feira Ecológica da Cango, na Cooperativa da Agricultura Familiar Integrada (COOPAFI), em Francisco Beltrão, todos espaços de fortalecimento da agricultura familiar e incentivo à produção agroecológica.

## **Resultados e Discussão**

A partir da compreensão de como se constituem as interações cotidianas das mulheres agricultoras camponesas interlocutoras desta pesquisa na agroecologia – esta compreendida enquanto movimento, epistemologia e prática –, é possível perceber que não se resumem ou se limitam a técnicas de produção agrícola, mas é



espaço de diálogo entre os campos social, ambiental, político e econômico e de construção de vida, sendo “prática que gera nutrição, bem-estar e qualidade de vida, mas também é mecanismo de autonomia e emancipação, e de afirmação do protagonismo dos agricultores” (SILIPRANDI, 2015, p. 87). Ao ser indagada sobre o que entende por agroecologia a interlocutora Claídes declara:

*O que eu entendo por agroecologia não olhei num dicionário, é o que eu entendo por agroecologia, agro vem de cultivar a terra, de produzir, né!? o agronegócio eu acho que roubou esse nome de nós, agricultura, nós somos agricultores, nos praticamos o agro, nós trabalhamos a terra, da terra tiramos o nosso sustento, né!? Eco, eco é vida, então trabalhar a terra com vida e com respeito, logia, a lógica, eu tenho uma lógica, eu quero trabalhar, eu quero produzir, mas eu quero com isso respeitar a terra, a água, o meio ambiente, a natureza, eu quero respeitar as pessoas, e os animaizinhos todos (CLAÍDES, EM ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018).*

Tal assertiva aponta para a complexidade da compreensão sobre agroecologia dessas mulheres. A relação com agricultura – agro - remete a agroecologia como um modo de trabalho, mas nessa etimologia pessoal de Claídes, que se assemelha a das demais, o eco e o lógica se referem a outros âmbitos da vida, corroborando com o que a literatura fala sobre agroecologia ser uma teoria, um movimento e uma ideologia de vida.

Corroboram com a opinião de Claídes, os posicionamentos de Cleonice: “a agroecologia é uma maneira completa de viver [...] eu costumo dizer que a partir da hora que nós entramos, começamos a trabalhar com a agroecologia, a gente criou até uma filosofia de vida: dignidade, autonomia e ser feliz” (CLEONICE, ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018), e de Janete, que concebe a agroecologia como mais que um processo produtivo: “uma concepção de vida e um jeito de viver, não é só produtivo, porque não basta, não adianta produzir agroecologicamente e comercializar por um preço que não é justo e ele não chegar aos trabalhadores” (JANETE, ENTREVISTA REALIZADA EM 3 DE MAIO DE 2018).

A agroecologia muitas vezes assume na vida dessas mulheres um papel que vai muito além de um meio de trabalho, perpassando aspectos pessoais e ideológicos em âmbitos da vida que não necessariamente têm relação com a agricultura, como quando Cleonice fala sobre ser feliz ou quando Janete demonstra preocupação com o direito a alimentação saudável das demais pessoas.

Na maioria das entrevistas, quando perguntadas sobre o porquê da escolha do trabalho de forma agroecológica, as respostas têm, em comum, a preocupação da convivência harmônica com a natureza, com os seres humanos e, também, a satisfação de estarem felizes consigo mesmas.

Para Noemi e Suelen, a agroecologia possibilita a produção agrícola com respeito à natureza e sem agredir o meio ambiente, Cleonice explica que “na agroecologia a



*gente conseguiu muita coisa, desde união na família, respeito pela planta né, ajuda a proteger nosso planeta que está pedindo socorro” (CLEONICE, ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018). Por sua vez, Janete compreende a agroecologia como “uma forma de produzir respeitando a natureza e todos os outros seres, uma forma de pensamento, de agir em sociedade [...] partindo de princípios como solidariedade, ética, preservação, resistência, humanidade” (JANETE, ENTREVISTA REALIZADA EM 3 DE MAIO DE 2018).*

Nesse sentido, na concepção das interlocutoras, a natureza é considerada como parte do todo em que os seres humanos estão inseridos e percebida a partir de outros princípios éticos e não apenas um recurso a ser explorado. Marisol de La Cadena (2018) questiona a visão antropocêntrica predominante na academia e na sociedade em geral. A autora enfatiza a importância de ouvir e compreender as perspectivas e as vozes dos não humanos, assim como das comunidades indígenas e tradicionais que possuem uma relação profunda com essas entidades. Ela aborda a interação e a coexistência entre seres humanos e outros seres do mundo natural, desafiando as visões ocidentais que estabelecem uma separação rígida entre humanos e não humanos, destacando a interconectividade e a interdependência entre todos os seres do mundo natural, e argumentando que devemos abandonar a hierarquia e a dominação na relação com os não humanos, superando as fronteiras rígidas impostas pelo excepcionalismo humano, propondo uma perspectiva mais inclusiva, que valorize e respeite a diversidade das formas de vida.

A preocupação com a saúde e o bem-estar também é elencado como importante, sendo que, para Claídes: *“A vida dentro da agroecologia ela gera saúde, satisfação, alegria, eu vejo isso na minha família”* (CLAÍDES, EM ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018). Neste sentido, a agroecologia proporciona a interconexão do bem-estar ambiental, econômico e social, e, ao promover a saúde e a resiliência dos ecossistemas, pode apoiar a produção de alimentos para autoconsumo das famílias agricultoras e as práticas culturais das comunidades agrícolas, ao mesmo tempo em que aborda questões de segurança alimentar e nutrição das populações rurais e urbanas.

Claídes entende ser um ciclo onde *“desde que você senta na mesa e vai comer um feijão, um arroz que você colheu é diferente”* (CLAÍDES, EM ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018), declarando, também, a importância que dá a quem produziu *“um alimento produzido pela família, produzido por nós, onde nós colocamos a mão, onde não passou por um beneficiamento, onde a energia muitas vezes participou disso, né”* (CLAÍDES, EM ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018), sendo a agroecologia, para ela, uma agricultura que se preocupa com a relação entre as pessoas e com natureza.

Nesse sentido, a relação entre mulheres e agroecologia é marcada pela preocupação delas com as questões ambientais, e é dessa perspectiva que surge, e vem se fortalecendo a partir de 1970, o “Ecofeminismo” enquanto posicionamento crítico que reconhece e defende a necessidade de reinterpretação e reorganização



das relações da humanidade com a natureza. Ele impugna ações sexistas e reivindica o respeito e a valorização a todos os seres existentes, considerando a violência estabelecida pelos humanos diante dos não humanos como semelhante àquela sobre as mulheres e sobre outras etnias e raças que não a do homem branco ocidental; violência, portanto, centrada no antropocentrismo e no etnocentrismo (SILIPRANDI, 2015).

O ecofeminismo é um termo utilizado por mulheres na defesa da preservação do meio ambiente e, também, da sua condição enquanto mulheres, que através da aliança entre feminismo e ecologia, opõem-se à dupla exploração – capitalista e patriarcal – a que estão submetidas, compreendendo que a relação de exploração exacerbada do meio ambiente é semelhante à exploração de mulheres na sociedade. Para Rosângela Angelin (2014), a abordagem ecofeminista, nas diferentes interpretações e correntes, contribui para o debate feminista às questões de preservação da vida e da natureza.

Siliprandi (2015) destaca a importância do movimento ecofeminista estar articulado aos movimentos populares do campo, defendendo que modificações no sistema de produção podem possibilitar maior visibilidade das mulheres na agricultura e, também, na conservação ambiental, viabilizando o reconhecimento do trabalho das mulheres no campo. Ao indagar se a maior valorização do trabalho feminino seria capaz de provocar transformações efetivas na divisão sexual do trabalho no espaço rural, reconhece ser o movimento ecofeminista, capaz de inserir novas perspectivas de resistência e de luta no contexto do espaço rural.

A agroecologia é a proposta de uma outra ética. Conforme Noemi, *“para mim a agroecologia é tudo”* (NOEMI, ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018) e, segundo Cleonice, *“A gente já trabalhou de várias formas e a única forma que eu achei que vale a pena, que dá certo, é trabalhando na agricultura familiar com a agroecologia”* (CLEONICE, ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE MAIO DE 2018). Já, para Janete, *“Eu não consigo me imaginar de outra forma, desde a faculdade trabalho com isso, [...] sempre fui agricultora agroecológica, comercializando diretamente”* (JANETE, ENTREVISTA REALIZADA EM 3 DE MAIO DE 2018).

Dessa forma, percebemos como a agroecologia é importante para a vida dessas mulheres, pois, além da possibilidade de manter uma relação respeitosa com a terra, a qual geralmente é passada de geração em geração, elas ainda têm benefícios na sua saúde e de suas famílias e acesso à renda, que as possibilita maior autonomia e independência. Portanto, observamos que os benefícios da agroecologia não são ligados somente ao abastecimento de alimentos saudáveis para as comunidades rurais e urbanas, mas, também, à qualidade de vida e ao bem-estar das pessoas que a praticam, em especial as agricultoras. As entrevistadas destacam que trabalhar com agroecologia traz benefícios para a saúde mental e emocional, já que se sentem mais conectadas com a natureza e com a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis.



## Conclusões

A agroecologia é uma perspectiva que emerge a partir da crítica ao modelo colonial imperialista hegemônico da agricultura e da alimentação, implantado pelas *plantations* e intensificado pela Revolução Verde. É movimento, prática e ciência (WEZEL et al., 2009) que se opõe ao modelo de sociedade patriarcal e racista, propõe reestabelecer as conexões com os agroecossistemas e construir relações mais simétricas entre os gêneros e os povos, reconhecendo a diversidade de territórios, ontologias e epistemologias.

O contexto das mulheres agricultoras camponesas retrata percepções advindas de vivências e experiências que são tecidas em suas (re)existências e resistências cotidianas e coletivas, e a agroecologia é uma perspectiva que possui aportes, teóricos e práticos, para repensar as relações de poder e de dominação no campo. As interlocutoras trouxeram para a pesquisa as suas histórias de vida, cada uma, a seu jeito e tempo, partilhou experiências, saberes, anseios e inquietações que possibilitaram reflexões.

## Referências bibliográficas

ANGELIN, Rosângela. Mulheres, Ecofeminismo e Desenvolvimento Sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. *Revista Direito e Política*, Itajaí, SC, v. 9, n. 3, p. 1569-1597, 2014.

CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 69, p. 95-117, 2018.

CARDOSO, Elizabeth Maria; RODRIGUES, Vanessa Schottz. Mulheres construindo a agroecologia no Brasil. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, dez. 2009.

HECHT, Susanna. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 21-52.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

WEZEL, Alexander; BELLON, Stéphane; DOR, T.; FRANCIS, Charles; VALLOD, Dominique; DAVID, C. **Agroecology as a science, a movement and a practice: A review**. *Agron. Sustain. Dev.*, [S. l.], v. 29. p. 503-515, 2009.